

FALA, MAJETÉ! SETE CHAVES DE EXU E EMINÊNCIA PARDA: ARTE COMO RESISTÊNCIA

Maria Gorette da Silva Ferreira Sampaio
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: goretteferreira@gmail.com

Luzimare Almeida Pilôto
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)
Endereço eletrônico: luzimare@hotmail.com

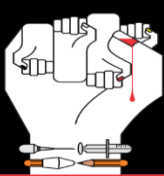
1408

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa que estamos desenvolvendo desde 2019 acerca da Arte como forma de resistência a padrões culturais e enfrentamento de luta de classes. Muitas e variadas são as formas de Arte que nos cercam e que nos fazem refletir acerca das lutas sociais e combate às desigualdades, sobretudo, em nosso país cuja esfera política não têm contemplado, em suas condutas e ações, as camadas mais desfavorecidas da sociedade. Uma das formas de Arte, a que estamos nos debruçando, é a música, especificamente o Rap e Samba, que são estilos que chegam aos morros e favelas, à periferia de uma forma geral, e que se constituem como importantes formas de educação e reflexão.

Desde a sua origem, o povo brasileiro já tinha a cultura de vivenciar a arte musical. A música carrega, antropologicamente, características socializadoras, reflexivas e acolhedoras dos grupos sociais. As batidas do batuque, com a chegada dos povos africanos, possibilitaram outras formas de festejar e professar a fé em outros ritos. Especificamente para este Colóquio, retomamos a uma análise, realizada no colóquio de 2019, da música *Eminência Parda*, dos rappers Emicida, Jé Santiago, Papillon, e do Samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio, que integra o Grupo Especial das Escolas de Samba do estado do Rio de Janeiro deste ano, que teve como tema *Fala, Majeté! Sete chaves de Exu*, de autoria de Gabriel Haddad e Leonardo Bora, interpretação de Evandro Malandro.

Nessas duas obras, entre outras, são abordadas questões como racismo, desconstrução de estereótipos, intolerância religiosa e classes estigmatizadas. Os estilos que caracterizam essas músicas intervêm de forma significativa na nossa formação, na medida em que, ao tratar dessas questões, rompem com o que nos é repassado por meio da mídia, que induz a uma padronização que tende a acentuar um padrão europeu



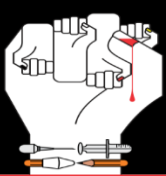
(branco) de comportamento, fruto ainda de processos que nos foram expostos desde a época da colonização.

No que se refere à questão do racismo, por exemplo, apesar da falsa ideia, defendida e reforçada pelos meios midiáticos, de que a discriminação para com os negros foi algo superado em nosso país e de que há uma “democratização” racial, é possível perceber que, no dia a dia, tudo que nos é passado por todo aparato tecnológico reforça, ainda mais, um comportamento de segregação.

Precisamos lembrar, conforme Baptista e Rosemberg (2008), de que “o contexto sócio-histórico de produção, circulação e consumo de discursos raciais no Brasil contemporâneo apresenta diversos componentes a serem destacados” (BAPTISTA; ROSEMBERG, 2008, p 74). Esses autores chamam a atenção de que somos o país que mais importou escravos africanos no período escravagista e o último a abolir a escravidão negra, especificamente em 1888. Destacam ainda que, apesar de sermos a segunda maior população negra mundial, sendo superada apenas pela Nigéria, e das relações raciais no país, que abarca povos de todo o mundo e culturas diversas, serem “cordiais” ou “democráticas”, “convivemos com intensa dominação branca sobre outros segmentos étnicos-raciais no acesso a bens materiais e simbólicos” (BAPTISTA; ROSEMBERG, 2008, p.74).

Nessa direção, ao tratarmos sobre os temas supracitados, abarcamos, simultaneamente, em consonância com os autores estudados, “suas expressões material (dominação sistemática de um grupo racial por outro) e simbólica (crença na superioridade intrínseca ou natural de um grupo racial sobre os demais)” (BAPTISTA; ROSEMBERG, 2008, p. 74). A mídia, entendida por esses pesquisadores como produção cultural de massa, em diversas formas, “participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico da sociedade brasileira uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito de democracia racial e discrimina os negros” (BAPTISTA; ROSEMBERG, 2008, p. 74), incutindo vários estereótipos marcados, simbolicamente, ao longo dos tempos.

Seguindo a linha de pensamento apresentada pelos movimentos do Rap e do Samba que favorecem reflexões e produzem quebra de certos padrões sociais e estereótipos, analisamos as letras das músicas e aspectos visuais, que as envolvem, com objetivo de discutir a importância da Arte, no que toca às questões aqui pontuadas, identificando atitudes consideradas possíveis de romper com o lugar que, historicamente, foi imposto aos menos assistidos pelo poder público, que, em sua



maioria, são pessoas negras. Passemos, então, aos aspectos metodológicos que mobilizamos a fim de descrevermos os caminhos utilizados na análise do corpus escolhido.

METODOLOGIA

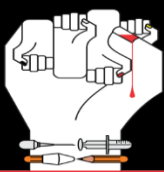
Analisamos, nesse recorte da pesquisa, duas letras de música, a saber, *Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu* e *Eminência Parda*, na sua conjugação entre letra da música e aspecto visual. A primeira constitui Samba-enredo da Escola de Samba supracitada, localizada em Duque de Caxias, um dos municípios que integram a Baixada Fluminense. E o videoclipe, produzido pelo Laboratório Fantasma Produções, tem como roteiristas Emicida e Leandro HBL, que também assumem a direção. A música integra o álbum *Permita que eu fale*, de autoria de Emicida Rapper, um dos rappers mais conhecidos e conceituados no meio artístico. No clipe, a letra é cantada por esse rapper, Jé Santiago, Papillon, que assinam a autoria da música. Além dos três, Dona Onete também participa.

Valendo-nos de uma abordagem qualitativa, assentada num gesto interpretativo, metodologicamente, analisamos trechos das letras das músicas citadas, com base nos estudos aqui apresentados e, paralelamente, descrevemos algumas cenas do clipe e do desfile a fim de melhor fundamentar as análises. Para realização do nosso estudo, baseamo-nos em teóricos como Baptista e Rodrigues (2008).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As formulações presentes na letra do Rap, tais como “Sou eu mirando e matando a klu, só quem driblou a morte pela Norte saca, que nunca foi sorte, sempre foi Exu” (EMICIDA, 2019) e no Samba-enredo “Adakê Exu, Exu, ê Mojubá / Ê Bará ô, Elegbara/ Lá na encruza, onde a flor nasceu raiz / Eu levo fé nesse povo que diz” (Haddad; Bora, 2022) reforçam a existência desse orixá em nossa cultura e desmistificam uma série de estereótipos, conforme estudos de Baptista e Rosemberg (2008), construídos historicamente por uma elite branca para enquadrar os negros e excluí-los socialmente, no intuito de manter privilégios conseguidos à base de um longo processo de violência física e psicológica.

Analisando o videoclipe da música *Eminência Parda*, que também faz parte de nossa análise, fica marcado o estranhamento pela presença da família negra no restaurante, apresentado como de luxo. Notamos, no rosto de todos os clientes, que são



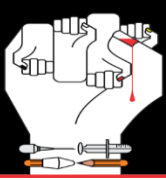
brancos, indagações: O que essas pessoas negras estão fazendo aqui? Como ousam estar neste lugar? Tais reações dos clientes nos levam a refletir sobre os motivos pelos quais os negros são encarados de forma avessa, estranha, discriminatória. Por que o incômodo e até indignação com a presença das pessoas negras? Esses questionamentos nos permitem propor um diálogo com a representação de Exu em nossa sociedade, quase sempre rechaçada por todos que não são adeptos ou simpatizantes das religiões de matriz africana. Exu, estereotipado como demônio, ao ser representado em um desfile na avenida do samba, causou também estranhamento àqueles que, atravessados, pela normativa influência colonial, recusam a reconhecer esse importante símbolo da ancestralidade africana, para a qual “Exu é o guardião dos templos, das casas, das cidades e das pessoas. É também ele que serve de intermediário entre os homens e os deuses” (VERGER, 2018). Vemos, desse modo, que, como Exu, também é negativa a forma como a sociedade vê os negros. Os estereótipos são ancorados na percepção sensorial desses pelos brancos. Baptista e Rosemberg (2008) apontam, entre outros, alguns estereótipos, tais como “preto velho”; “negro revoltado”, “violento, cruel e rebelde”; “negro revoltado”; “malandro”; “negro pervertido”.

Tanto o videoclipe quanto o desfile da Escola de Samba, campeã do Carnaval 2022, na Marquês de Sapucaí, retratam o não-lugar ocupado pelas famílias negras e por Exu. Os olhares de repulsa lançados a ambos retratam o incômodo daqueles que, ancorados na cultura do ódio, da intolerância, do não respeito às diferenças, não aceitam os afrodescendentes, que também constituem a nossa história, a nossa cultura, a nossa arte, mas que foram sempre invisibilizados.

Porque sempre foi Exu, diriam Emicida e demais compositores de *Eminência Parda*: “Laroyê, laroyê, laroyê”. Com esse termo, os adeptos e simpatizantes das religiões de matriz africana saúdam o orixá. A encenação da escola que o homenageou, aliada à letra, trazem para a atual cena brasileira, caracterizada por golpes e tentativas, pelo capitalismo, um forte chamado para a heterogeneidade cultural, religiosa, entre outras. O Samba-enredo é um movimento de luta anticolonial, de combate à intolerância, é um movimento de marcar a resistência e (re)existência de um povo, de uma cultura, de uma religião, de uma fé.

CONCLUSÕES

A pesquisa que desenvolvemos até então nos permitem concluir que, nas letras aqui analisadas, os compositores atualizam temáticas que refletem alguns temas que,



nos últimos anos, têm conquistado espaço entre estudiosos: preconceito racial e intolerância religiosa, entre outros. A arte negra, na qual o videoclipe *Eminência Parda* e o desfile da Escola de Samba se inscrevem, é representativa de como, por meio da Arte, esses sujeitos se colocam numa perspectiva de denúncia, de quebra de paradigmas. O Rap aqui analisado apresenta uma série de elementos dessa resistência, na referência à ancestralidade e na espiritualidade de base africana, ressignificada após a travessia atlântica, na reescrita da história, pelo olhar do negro, na auto-afirmação identitária - “Foco e atenção na nossa ascensão”, canta Papillon - e na luta pela sobrevivência nessa sociedade preconceituosa, onde o racismo mata, cotidianamente, dezenas de excluídos, mesmo “antes de nascer”.

1412

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Resistência. Racismo. Samba. Rap.

REFERÊNCIA

HADDAD; BORA. Samba-Enredo 2022 - *Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu* 2022 In: <https://www.letras.mus.br/academicos-do-grande-rio-rj/samba-enredo-2022-fala-majete-sete-chaves-de-exu/>. Acesso em 10 de maio de 2022.

MENDES, Gabriel Gutierrez. *O Rap contra o racismo: a poesia e a política dos Racionais Mc's*. Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, [S.l.], v. 14, n. 27, ago. 2015. ISSN 2175-4977. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/17872>>. Acesso em: 30 maio 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/2175497717872>.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; ROSEMBERG, Flávia. Brasil. *Lugares de negros e brancos na mídia*. In: VAN DIJK, Teun A. (org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008, p.73
117.<https://www.youtube.com/watch?v=fXHpmuPJ4Ks>, acessado em 26 de maio de 2019.

SOARES, Thiago. Videoclipe, o *elogio da desarmonia: Hibridismo, transtemporalidade e neobarroco em espaços de negociação*. In: Intercom, Porto Alegre, 2004.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018.